



ISSN: 2595-5713

Vol. 01 | N°. 01 | Ano 2018

Editorial

Site/Contato

Editores

Ivaldo Marciano
ivaldomarciano@gmail.com

Marcos Carvalho Lopes
marcosclopes@unilab.edu.br

Editorial

E eis que em meio a tantas notícias ruins, situações e contextos difíceis, uma novidade alvissareira se apresenta! Sim, estamos nos referindo a este primeiro número de Cadernos de África Contemporânea. Uma revista disciplinar que se propõe a publicar artigos sobre a história da África contemporânea, e que trará questões sobre as pesquisas recentes que vem sendo feitas na área de História tanto no Brasil, como em outros países do mundo. O tempo contemporâneo, neste aspecto, será o recorte para o qual esta revista irá se debruçar. E aqui temos uma grande divergência e polêmica. Quando começa o tempo contemporâneo do continente africano?

Devem os historiadores africanistas e africanos seguir a divisão quatripartite, consagrada nos livros didáticos e em grande parte da historiografia convencional, que atribui à humanidade o ano de 1789 como marco para a contemporaneidade? Ou devemos seguir aqueles que tomam o fim da roedura (nos anos de 1880), conceito e metáfora criado por Ki-Zerbo (revelando as influências e balizas da compreensão da longa duração braudeliana para a história) para traduzir os eventos ocorridos no continente africano entre os séculos XV e XIX? Ou devemos seguir os que tomam como marco os anos de 1930? Ou, se assim preferirem, os anos 1960, momento em que se concretizam as independências da maior parte dos países africanos? Ao certo, um consenso se estabelece entre aqueles que se debruçam sobre o tempo contemporâneo, qual seja, a rejeição da divisão quatripartite da história, e da Revolução Francesa como marco.

E esta rejeição se consagra nos mais diversos trabalhos sobre a história da África. Trabalhos que trazem à tona narrativas e versões dos povos que habitam o continente, indicando ser este o berço da pluralidade e diversidade. Esta questão reforça a afirmativa clássica: “o que há em comum em termos de práticas e costumes culturais entre os povos africanos”? Aliás, pode-se reivindicar a homogeneidade ou universalidade para um continente em que se falam mais de dois mil idiomas? Esta é uma questão que não será aqui respondida, assim como outras, pois a maior tarefa desta revista é o de apresentar os debates atuais, novos caminhos, dúvidas e questões que estão sendo feitas por historiadores das mais variadas matizes.

Esta primeira edição de Cadernos de África Contemporânea traz um breve (e profícuo!) dossiê sobre Angola e Moçambique, dois países de histórias pautadas em aspectos dotados de extremas complexidades e especificidades, repletas de eventos possíveis de serem entendidas sob diversos pontos de vista. Sob o título de “Questões da História de Angola e Moçambique”, o dossiê traz quatro excelentes artigos, escritos por historiadores e especialistas de larga experiência com a história destes dois países. O primeiro, de autoria de Yuri Agostinho, discute

sobre os “ditos” indígenas em Luanda e as relações destes neste espaço urbano entre os anos de 1930 a 1960. Utilizando os jornais do período, o autor buscou entender os discursos que construíram a segregação destes “indígenas” em Luanda, observando como estes foram representados enquanto aqueles “destituídos da cidadania portuguesa”. O autor faz esta análise dos periódicos aliado à uma boa revisão bibliográfica daqueles que trataram desta questão.

O segundo artigo, de autoria de Patrício Batskama, traz uma discussão sobre importante vertente do cristianismo da África centro ocidental, que possui nada menos do que dois milhões de fiéis na atualidade. Sob o título de “Em busca da Teologia Tokoista: Uma Revisão Antropológica”, Patrício tece análises dos símbolos e da história de Simão Toko, fundador da igreja, utilizando-se de um repertório conceitual que combina a Antropologia e a História juntas. Certamente, este artigo nos traz luzes sobre os fenômenos religiosos da atualidade existentes na África centro ocidental, especialmente em Angola.

Ainda sobre Angola, mas não mais no tempo atual, Josivaldo Pires nos traz breve discussão sobre a colonização portuguesa e o trabalho dos missionários nesta empreitada colonial. Tomando como fonte privilegiada o Boletim Geral das Colônias, e a partir deste, o trabalho do padre Carlos Estermann, Josivaldo analisa aspectos da ação missionária da Congregação do Espírito Santo no sul da Angola, e de como estes missionários produziram conhecimento sobre os povos colonizados. Importante destacar o uso das fontes, no caso, o Boletim Geral das Colônias, como forma privilegiada de analisar as formas como os colonizadores representaram aqueles a quem se propunham colonizar.

Finalizando o dossiê temos o artigo intitulado “*Xibalo*: A ideologia do trabalho na era colonial em Moçambique no século XX”, escrito a seis mãos pelos experientes Bas’Ilele Malomalo, Edgar Manuel Bernardo e Lucas Alberto Essilamo Nerua. Os autores defendem em seu artigo que, ao contrário de um empreendimento civilizador e evangelístico, os portugueses objetivavam a exploração da mão de obra e os recursos minerais dos povos sob seu jugo, com o intuito de lucrarem o máximo possível com a empreitada. O *Xibalo* foi apenas uma das muitas formas desta exploração, que segundo os autores foi travestida de um discurso de civilização e evangelização.

Abrindo a seção de artigos, Ivaldo Marciano, com o artigo intitulado “África contemporânea: representações, problemas e perspectivas”, faz profunda revisão bibliográfica sobre as representações do continente africano nas mídias, e de como estas retroalimentam uma visão de homogeneidade que supostamente subjaz ao continente. Indicando algumas perspectivas alvissareiras, em meio aos graves problemas vividos pelo continente, o autor mostra questões bastante atuais deste cenário, a exemplo da exploração dos recursos minerais, e de como estes

não estão sendo utilizados em proveito da felicidade e bem estar dos povos da África. O autor também mostra os desdobramentos da lei 10639 e de como esta propiciou novos contextos para a história da África no Brasil.

Mahfouz ag Adnane nos brinda com o instigante artigo intitulado “*Cada dia o homem moderno arranca um pouco do teto do universo: poéticas de resistência* Kel Tamacheque no movimento cultural Techúmara (1902 a 1963)”, que versa sobre a história de um povo dotado de rica história e cultura, mas que foi dividido em diversos países durante a colonização perpetrada pelas potências europeias. A partir das músicas produzidas pelo movimento cultural Techúmara, o autor nos mostra diferentes perspectivas da resistência dos tamacheques na luta pela terra e sua unificação, e ainda aponta a existência de liames entre as letras das canções e os eventos históricos a que estas se referem.

Este número é finalizado com o artigo “The Dynamics of Change in the Context of Chinese Entrepreneurship in Senegal” (A dinâmica de mudança no contexto do empreendedorismo chinês no Senegal), de autoria de Amy Niang. A autora discute os processos e dinâmicas da atuação dos empresários chineses na África ocidental, especialmente no Senegal. Mesmo não sendo um artigo da área de História, o mesmo traz o mérito de mostrar os contextos atuais que envolvem as esferas da economia e das relações comerciais entre a China e o Senegal, indicando caminhos e questões que devem ser levadas em conta pelos historiadores quando da composição de suas narrativas.

Por fim, aos leitores e leitoras, indicamos nossa felicidade de estar apresentando este primeiro número de Cadernos de África Contemporânea. Fruto da ação de historiadores e estudiosos do continente africano, articulados no grupo de pesquisas África do Século XX – História do Tempo Presente, a revista revela o desejo destes pesquisadores em apresentar para a sociedade como um todo outros olhares e questões da História da África, e de como esta não deve ser marcada por discursos ideológicos de quaisquer matizes.

Saúdamos os leitores e desejamos votos de uma boa leitura!

Os editores